

APRESENTAÇÃO

O segundo semestre de 2008 foi marcado pela eleição e a posse da nova Coordenação do PPGSCA. Tivemos a honra de receber o Professor Dr. Odenildo Teixeira Sena, Diretor-Presidente da FAPEAM, para abrir o semestre letivo em nossa aula inaugural. O Instituto de Ciências Humanas e Letras vivenciou a reunião regional da SBS – Sociedade Brasileira de Sociologia – da qual participaram vários docentes e discentes do PPGSCA. Também esteve entre nós o Professor Stephen Boile para fazer o lançamento de sua tradução das *Passagens*, de Walter Benjamin. A Mostra do Filme Etnográfico, do Núcleo do Imaginário, consolidou-se como referência na divulgação de estudos antropológicos através do cinema. Tivemos, além disso, notícias da publicação de livros e comunicações relevantes de pesquisadores do PPGSA. O semestre encerrou com a participação do PPGSCA na reunião do Comitê Interdisciplinar da CAPES, onde, além dos critérios de avaliação dos programas, iniciaram-se os esforços para a criação da ABRAINTEER, Associação Brasileira de Estudos Interdisciplinares.

Neste semestre, a *SOMANLU – Revista de Estudos Amazônicos* – buscou aprofundar seu compromisso com a divulgação das atividades do PPGSCA e dos demais Programas de Pós-Graduação do Instituto de Ciências Humanas e Letras. No que tange à política editorial, reafirmamos nossa disposição de ampliar nossa abertura para artigos voltados para diferentes áreas do conhecimento, sobretudo quando se tratarem de artigos de interesse interdisciplinar.

Com este intuito, neste número, apresentamos aos nossos leitores um conjunto de oito artigos através dos quais eles poderão incursionar por campos distintos e complementares como a antropologia, a filosofia, a geografia, a história, a educação e as ciências sociais aplicadas. Nesse passeio, as transformações dos fundamentos da ciência e a difusão do pensamento complexo de Edgar Morin intensificam as inquietações dos pesquisadores em ciências humanas; o social exige, para tornar-se objeto de conhecimento, ao mesmo tempo, o rigor dos procedimentos científicos e a abertura da mente proporcionada pela experiência da arte e da literatura. Se falamos de limites, o problema dos cortes epistemológicos em ciências humanas e sociais não deixa de ter suas dívidas com os pesquisadores que viajaram literalmente até às últimas fronteiras do desconhecido, hoje e no passado. O Brasil



e a América Latina devem a personagens como Rondon parte significativa do registro de sua diversidade cultural e paisagística. Por isso, decidimos trazer ao público um artigo no qual se recupera um pequena parte de seu legado. Do mesmo modo, decidimos publicar a reflexão de um pesquisador que atua nas fronteiras entre a Venezuela, Colômbia e Brasil para mostrar-nos um geografia dos fluxos internacionais cuja intensidade requer a adoção de novas políticas de relacionamento entre os Estados implicados; políticas preventivas contra o ressurgimento das intolerâncias trágicas do passado.

Sem querer ajustar nossas contas com o passado, não deixamos de nos preocupar com a necessidade de fomentar os pesquisadores a explorarem os acervos que continuam aguardando o exame dos eventos pelos quais consituímos o nosso presente. Neste sentido, trazemos a público dois trabalhos que nos permitirão compreender os aspectos políticos e jurídicos da formação política do Estado do Amazonas bem como algumas práticas judiciais pelas quais se determinaram as formas de ocupação da terra e as formas de resistência política pelas quais alguns trabalhadores se opuseram à espoliação das grandes empresas no Estado.

A luta por direitos individuais e coletivos pode esmaecer à medida em que as políticas públicas tentam substituir a espontaneidade dos sujeitos pelos programas oficiais do Estado. É o que parece ocorrer nos processos de substituição das escolas tradicionais pelas escolas voltadas especificamente para os programas de educação indígena. Por outro lado, é preciso perguntar, como o faz nosso articulista, o que há de perpicácia e o que há de ingenuidade entre os indígenas diante desse impasse?

Dedicamos o último artigo deste número a um estudo sobre as chamadas “organizações de aprendizagem”. Aí, a pesquisadora nos convida a refletir sobre os procedimentos institucionais marcados pela inflexibilidade na organização do trabalho em contraposição àqueles voltados para a cooperação e a aprendizagem coletiva.

